CENTRO
CULTURAL
PAREDES

09\12.2025

setembro — dezembro 2025



DANÇA

Shechter / WellenKamp / Naharin
Companhia Nacional de Bailado

20.09.2025

M/6
Duração **120m**



Três obras que comungam uma ideia de coletivo: de um explosivo e enigmático Shechter a um irónico e divertido Naharin, passando pela poética contemplativa de Wellenkamp.

Uprising

Sete homens emergem das sombras para encher o palco com uma energia furiosa, criando laços e lutando, fazendo as pazes e desentendendo-se novamente. Estes homens são impulsionados por uma força que parece levá-los cada vez mais longe, antes de desaparecerem na escuridão.

Uprising é uma obra altamente contagiante pela sua vibração e energia, através de uma partitura de percussão pulsante da autoria do próprio Hofesh.Coreografia, Música e Figurinos.

Sinfonia dos Salmos

Vasco Wellenkamp é um nome incontornável da dança portuguesa. Desenvolveu vários projetos que contribuíram para a trajetória da dança portuguesa nos últimos 50 anos, onde se destaca a criação da Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo, ao lado de Graça Barroso, em 1998, e a direção artística da CNB, entre 2007 e 2010.

Criada para a partitura homónima de Igor Stravinsky, Sinfonia dos Salmos remete-nos para a espiritualidade, fé e humanidade através de um corpo coletivo de intérpretes que traduzem, através do movimento, a complexidade e intensidade presente na música de Stravinski.

Minus 16

Com uma partitura eclética que vai de Dean Martin ao mambo, do techno à música tradicional israelita, Minus 16, de Ohad Naharin, recorre a improvisação e ao aclamado método “Gaga” criado por Naharin, e que se baseia na compreensão e pesquisa de movimento, através da conexão entre o corpo e a mente.

Em Minus 16, Naharin partiu de peças anteriores para desenvolver uma nova obra, um trabalho de reorganização que para o coreógrafo cria possibilidades de olhar as suas obras de diferentes ângulos, ao mesmo tempo que cria uma coerência no seu trabalho.

É com esta obra que se confirma a habilidade de Ohad Naharin em colocar o público dançar.

Uprising

Coreografia, Música e Figurinos
Hofesh Shechter

Música adicional **Vex'd**

Desenho de luz **Lee Curran**

Diretor artístico associado da Hofesh Shechter Company **Bruno Guillore**

Assistentes de coreografia **Chieng-Ming Chang** e **James Fimmemore**

Assessor técnico **Alan Valentine**

Ensaiador **Tom Colin**

Interpretação **Bailarinos da CNB**

Duração **26 minutos**

Sinfonia dos Salmos

Coreografia **Vasco Wellenkamp**

Música **Igor Stravinski**

Figurinos **Vasco Wellenkamp,** a partir dos originais de **Paula Pinto**

Desenho de luz **Ricardo Campos**

Assistentes do coreógrafo
Maria Mira e **Miguel Ramalho**

Ensaiadora **Peggy Konik**

Interpretação **Bailarinos e bailarinas da CNB**

Duração **20 minutos**

Minus 16

Coreografia e Figurinos **Ohad Naharin**

Música **Vários Artistas**

Desenho de luz **Bambi**

Assistentes do coreógrafo **Ian Robinson, Matan David e Rachael Osborn**

Ensaiadores **Freek Damen, Peggy Konik e Rui Alexandre**

Interpretação **Bailarinos e bailarinas da CNB**

Duração **36 minutos**

MÚSICA, COMÉDIA

Deixem o Pimba em Paz

Bruno Nogueira, Manuela Azevedo, Filipe Melo, Nuno Rafael e Nelson Cascais

26.09.2025

M/6
Duração **120m**



Sinopse

Estreado em 2013, Deixem o Pimba em Paz é um daqueles casos raros de sucesso com muita estrada percorrida - o histórico de digressões e apresentações fala por si. No atípico ano de 2020, foi o primeiro concerto realizado após dois meses e meio de confinamento e paragem no sector. Dois concertos únicos no Campo Pequeno, que esgotaram em apenas 11 minutos. Bruno Nogueira, Manuela Azevedo, Filipe Melo, Nuno Rafael e Nelson Cascais propõem-se dar outra vida a canções bem conhecidas do grande público.

“Não é por acaso que numa festa na Quinta do Lago, aos primeiros acordes de uma música do Quim Barreiros, haverá uma debandada de berloques a correr para a pista de dança e a cantar o refrão em alegre e alta voz. O mesmo irá acontecer se, no meio de um churrasco em Massamá, alguém arriscar a mesma música. Os berloques serão porventura menos, mas a alegre e alta voz que canta o refrão terá a mesma força.

Há ainda outra coisa que estreita o eixo Quinta do Lago-Massamá: nenhum dos habitantes destas regiões sociais sabe muito mais do que o refrão. E é também uma pena, porque o melhor raramente vem no refrão. Ainda assim há poucos assuntos que liguem tão intimamente pessoas com gostos tão distintos. A mim sempre me fascinou o universo pimba. Por inteiro, com as suas letras, músicas, roupas, coreografias, etc.

Este espectáculo propõe-se a dar outra vida a essas canções, juntando músicos que fizeram arranjos de jazz e pop onde eles eram pouco prováveis. Assim, aparece Manuela Azevedo (vocalista dos Clã), para juntos darmos voz a esses temas. E a nós juntam-se as músicas de Quim Barreiros, Ágata, Marante e Marco Paulo, entre outros.

DEIXEM O PIMBA EM PAZ é um concerto e um espectáculo de desconstrução. E já não é pouco.”

Ideia Original e Direcção **Bruno Nogueira**

Direcção Musical **Filipe Melo** e **Nuno Rafael**

Produção **Força de Produção**

Com Bruno Nogueira, Manuela Azevedo, Filipe Melo, Nuno Rafael e Nelson Cascais

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA - CIRCO

Ocupação CCP
Instituto Nacional de Artes do Circo

01—04.10.2025

M/6



INAC

O INAC - Instituto Nacional de Artes do Circo é um polo internacional dedicado exclusivamente ás artes do circo localizado em Vila Nova de Famalicão - Portugal.
O Instituto tem como missão formar artistas, capazes de uma abordagem pluridisciplinar que assegure o surgimento e a afirmação de novas estéticas e levar o circo a todos os públicos, assim como a difusão e a implementação do circo contemporâneo em Portugal proporcionando uma nova oferta e enriquecendo o panorama cultural vigente. O circo, tradicionalmente, é uma "grande família", e o INAC não é exceção. Os nossos projetos são construídos com amor pelo que fazemos, compaixão, e muito trabalho.

O Instituto Nacional de Artes do Circo é membro da FEDEC - Federação Europeia de Escolas de Circo Profissionais.

Ocupação CCP

A proposta visa ocupar o Centro Cultural de Paredes com uma residência artística inovadora, culminando numa performance única. Será criado um espaço de imersão, onde os alunos finalistas do curso profissional, um grupo talentoso de cerca de 20 artistas, irão explorar e desenvolver as suas habilidades em várias disciplinas acrobáticas, tais como a Roda Cyr, Equilíbrios Mastro Chinês, Trapézio, Lira e Tecido Aéreo.

CIRCO CONTEMPORÂNEO

Eu quero é andar de carrinhos de choque

Instituto Nacional de Artes do Circo

04.10.2025

M/16



INAC

O INAC - Instituto Nacional de Artes do Circo é um polo internacional dedicado exclusivamente ás artes do circo localizado em Vila Nova de Famalicão - Portugal.
O Instituto tem como missão formar artistas, capazes de uma abordagem pluridisciplinar que assegure o surgimento e a afirmação de novas estéticas e levar o circo a todos os públicos, assim como a difusão e a implementação do circo contemporâneo em Portugal proporcionando uma nova oferta e enriquecendo o panorama cultural vigente. O circo, tradicionalmente, é uma “grande família”, e o INAC não é exceção. Os nossos projetos são construídos com amor pelo que fazemos, compaixão, e muito trabalho.

O Instituto Nacional de Artes do Circo é membro da FEDEC - Federação Europeia de Escolas de Circo Profissionais.

Sinopse

A criação é idealizada para ter expressão tanto em sala, rua ou tenda de circo. Devido à sua natureza interdisciplinar, experimental e informativa, é rica em criatividade, com uma linguagem essencialmente surrealista, resultando num objeto artístico de interesse para todo o tipo de público. Queremos centrar o processo no conceito da comemoração, existente desde que o mundo é mundo. Neste pensamento analisamos a maneira como as narrativas sobre as festas, tradições e rituais contribuem para a construção de identidades e realidades e como como podemos caminhar para uma autodestruição da própria identidade.

Explorar os rituais, festas e costumes por meio de uma abordagem profundamente abstrata é mergulhar nas camadas do inconsciente e mais profundas da expressão humana. As manifestações culturais são mais do que pequenas festas ou simples rituais: são manifestações abundantes de energia simbólica que conecta o indivíduo ao coletivo e o presente ao passado.

MÚSICA

Rui Veloso Trio

Alexandre Manaia e Eduardo Espinho

11.10.2025

M/6
Duração **90m**



Sinopse

Rui Veloso, o grande nome da música portuguesa e um dos mais influentes com uma carreira repleta de sucessos que atravessam gerações, num formato único: um concerto intimista com trio de guitarras.

São mais de quarenta anos de canções do cantor, compositor e guitarrista, Rui Veloso, que continua a levar a sua música, agora também de todos nós. E uma vez num concerto do Rui Veloso, afinem-se as vozes, para cantar em uníssono todas as canções de várias gerações. Um concerto a não perder.

TEATRO

Coro dos Amantes

Cláudia Gaiolas e Tonan Quito

18.10.2025

M/14
Duração **60m**



Tonan Quito

Ator e encenador, é licenciado pela Escola Superior de Teatro e cinema, onde também foi professor. Começou o seu percurso no grupo de teatro 4º Período – O do Prazer, dirigido por António Fonseca. Teve diversas participações em cinema e televisão e foi cofundador da produtora de espetáculos teatrais Homem Bala e da Companhia Truta. Em 2015, a peça Ricardo III, de Shakespeare, que encenou e onde atuou, foi considerada pela SPA - Sociedade Portuguesa de Autores, como o melhor espetáculo de teatro desse ano.

Cláudia Gaiolas

Cláudia Gaiolas é criadora e intérprete. Formou-se na Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa. É artista associada do Teatro Meia Volta e Depois à Esquerda Quando Eu Disser. Foi fundadora do Teatro Praga e trabalhou com o diversos coletivos e artistas, como, Teatro da Garagem, Mala Voadora, Paula Diogo, Tónan Quito, Giacomo Scalisi, André Murraças, Joaquim Horta, Madalena Victorino, Jean-Pierre Larroche, Rui Horta, Clara Andermatt, Martim Pedroso, Àgnes Limbos, Dinarte Branco, Guilherme Garrido, Rui Catalão, Alfredo Martins, Keli Freitas, Raquel André e Alex Cassal.

Encenou A partir de amanhã e A Mulher que Parou, com Pedro Carraca com textos de Tiago Rodrigues. Encenou Os Terroristas, Solo Doméstico e Não sou só eu aqui, com Rita Rio. Foi cocriadora de TryRomance, O Grande Livro dos Pequenos Detalhes e As Três Sozinhas, com Anabela Almeida e Sílvia Filipe.

Coro dos Amantes

Esta é a primeira peça de teatro de Tiago Rodrigues, estreada em 2007. É uma narrativa lírica onde um jovem casal conta, a duas vozes, a situação de vida ou morte que está a experienciar quando um deles deixa de poder respirar. Simultaneamente, os dois atores/amantes vão-nos contando versões ligeiramente diferentes dos mesmos acontecimentos, celebrando a força vital do amor quando tudo o resto é posto em causa.

Co-criação e interpretação
Cláudia Gaiolas e **Tónan Quito**

Texto **Tiago Rodrigues**

Desenho de luz e cenografia
Thomas Walgrave

Figurinos **Magda Bizarro**

Produção **HomemBala**

Co-produção **Aveiro 2024 - Capital Portuguesa da Cultura / Câmara Municipal de Aveiro / Teatro Aveirense / Teatro do Bairro Alto / Teatrocine de Torres Vedras / Cineteatro Louletano**

MÚSICA

a garota não

25.10.2025

M/6
Duração **75m**



a garota não

Sempre vivi rodeada de música: no rádio de casa, nos passeios de carro, no prédio onde cresci.

No meu bairro os vizinhos ouviam música alta, naquele volume que atravessava paredes, patamares inteiros. Do rés do chão ao último andar. De Gipsy Kings a música eletrónica, e pelo meio das escadas os ritmos endiabrados de quem matava as saudades de África. O meu prédio era um verdadeiro território intercultural.

As mulheres da família também sempre tiveram o hábito de cantar. Talvez ajudasse a tornar os dias mais leves. Cantavam na lida e cantavam a vida. Depois havia o meu irmão, que apesar de ser um mau canário sempre trouxe para casa o bom hábito de fazer parar o tempo para ouvir música. E o meu pai, que trazia da geração Zeca Afonso o sonho da democracia e as suas canções de justiça, paz e liberdade.

E eu fui acontecendo no meio disto.

Por volta dos 10 anos aprendi um pouco de piano numa escola de música. O meu pai nunca me deu ténis de marca mas sempre teve a visão de que conhecimento é a maior herança que se pode deixar.

Pouco depois vem a guitarra e as primeiras composições com amigos. E as palavras que sempre me tinham dançado soltas no lápis e na cabeça, ganhavam pela primeira vez um espaço para se reunirem num significado maior: deixavam de ser ideias soltas e passavam a ser histórias, protestos, catarses, canções. E tem sido assim: venho de um dos fins do mundo de pé descalço e com muita vontade. Toco guitarra, piano e percussões. Mas pouco. Gosto de cantar e sobretudo gosto de escrever.

MÚSICA

Surma

25.10.2025



Sinopse

Partindo da cumplicidade de um trio improvável, que se juntou para explorar as fronteiras das canções de *alla*, **Surma, João Hasselberg e Pedro Melo Alves** desafi am novas fronteiras para o concerto ao vivo, convocando o público a mergulhar na própria interação do trio. A disposição “em palco” não será a mais habitual, o público terá oportunidade de experienciar mais de perto um alinhamento inspirado em alla e adaptado a um formato de concerto: instalação. Adicionando à experiência sensorial, Ângela Bismarck, designer de luz, criou um desenho especialmente pensado para este espetáculo, explorando materiais que amplifi cam a dinâmica ao vivo. A luz será utilizada de forma estratégica, não apenas para iluminar, mas para se tornar uma extensão da performance, criando um ambiente visualmente imersivo.

ÓPERA

La Traviata, Ópera De Verdi
Opera 2001

01.11.2025

M/6



Opera 2001

Nasceu em 1991 pela iniciativa de Marie-Ange, vinda do turismo e do espetáculo, e de Luis Miguel, com formação em gestão e arquitetura. A empresa dedica-se à produção e organização de espetáculos líricos em Espanha e França, com planos de expansão para países como o Japão.

Guiada por valores como continuidade, estabilidade, evolução e qualidade, a OPERA 2001 tem como missão manter vivas as grandes obras do repertório operático, especialmente para as novas gerações, promovendo o gosto pela ópera ao vivo nos teatros.

Reconhecida pela qualidade das suas produções e pela atenção ao detalhe em cada teatro da digressão, a OPERA 2001 destaca-se também pela aposta em novos talentos. Ao longo do seu percurso, já conquistou mais de um milhão e meio de espectadores.

La Traviata

La Traviata faz parte da tríade operática mais conhecida de Verdi, com Rigoletto e O Trovador. É a sua 19ª ópera, escrita aos 39 anos de idade. Foi estreada no Teatro La Fenice, em Veneza, a 6 de Março de 1853.

DANÇA / ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

Barro, Terra Molhada onde a Bota Escorrega

Companhia Instável , Drumming GP, Mafalda Deville e Comunidade

08.11.2025

M/6
Duração **120m**



Sinopse

‘Barro’ é uma criação de Mafalda Deville mas também dos bailarinos da Companhia Instável e das pessoas da região que generosa e dedicadamente se entregam a uma produção inédita de dança contemporânea. Barro’ é por si mesmo um património cultural imaterial de todos os que nele trabalharam e daqueles que assistirem ao espectáculo.

Pela água, pelo fogo, pelo tempo, pelas mãos. São corpos que moldam e são moldados. Que questionam na sua existência, no seu estado, na relação com os outros - a si próprios. A solidão da eternidade das pedras cravadas na terra. O festim da descoberta. Memórias e sonhos ressoam, na caixa do tempo, onde o passado e o futuro nem sempre se sucedem por esta ordem. Pela água, pelo fogo, pelas mãos. O corpo, matéria mutável, da lânguida sedução à catástrofe do caco. Tudo a preto e a vermelho. Como na roleta, os corpos entram no jogo.

Drumming GP

Vocacionado para a música contemporânea e de portas abertas a todos os mundos sonoros, o Drumming Grupo de Percussão, fundado e dirigido por Miquel Bernat, percussionista e pedagogo de prestígio internacional, afirma-se como um dos mais importantes coletivos do género a nível internacional, desde o seu surgimento em 1999. Para além da sua pró-atividade ao nível da criação de novos espetáculos, fomentação de compositores e criadores sonoros da atualidade, o grupo trabalha e explora, desde a sua criação, a qualidade, personalidade e inovação do seu som, colaborando também na invenção e configuração de instrumentos ou baquetas únicas contribuindo para o aprimoramento e evolução deste meio.

Direcção **Mafalda Deville / Companhia Instável**

Coordenação e composição musical **Rui Rodrigues / Drumming**

Interpretação e consultoria musical **Drumming**

Assistência artística **Ricardo Machado**

Cenografia e vídeo **Israel Pimenta**

Direcção técnica e desenho de luz **Ricardo Alves**

Intérpretes **Beatriz Valentim, Duarte Valadares, Inês Galrão, Liliana Oliveira, Michael de Haan e Sabrina Gargano**

MÚSICA

Banda de Música de Cete, Galandum Galundaina e Amicitia Chorus

15.11.2025

M/6







Galandum Galundaina

Há 25 anos que os Galandum Galundaina trabalham na preservação e reinvenção da música tradicional das Terras de Miranda. Com base em investigação junto das gerações mais velhas e formação académica em música, criaram uma sonoridade enraizada no património local, usando instrumentos tradicionais como a gaita-de-foles mirandesa, a sanfona ou o cântaro. Editaram quatro álbuns de estúdio e um DVD ao vivo, e têm sido presença assídua em festivais de world music na Europa, África, América e Ásia. Para eles, a música tradicional não se inventa: reencontra-se.

Banda de Música de Cete

A Banda de Música de Cete é uma associação fundada em 1835, contando já com quase dois séculos de existência, sucessos, persistência, educação, socialização e cultura, mas acima de tudo, de dedicação, esforço e vontade em levar mais longe o nome da Vila de Cete.

Amicitia Chorus

O Amicitia Chorus é um ensemble vocal de Penafiel composto por jovens intérpretes dedicados à música sacra e litúrgica. Com um repertório diverso e interpretações emotivas, oferece serviços personalizados para cerimónias, unindo excelência artística e sensibilidade. Atua na região Norte, promovendo a tradição coral com rigor e paixão.

TEATRO

Uma brancura luminosa de Jon Fosse — Sandra Barata Belo e Ricardo Pereira

22.11.2025

M/6



Sandra Barata Belo

Sandra Barata Belo é uma atriz, encenadora e dramaturga portuguesa, amplamente reconhecida pelo seu trabalho no teatro e na televisão. Com uma carreira que se estende por várias décadas, participou em inúmeros projetos de grande relevância no panorama artístico português. É também uma das fundadoras do coletivo de teatro "O Espaço do Tempo", um importante centro de investigação e desenvolvimento artístico em Portugal.

No teatro, é conhecida pela sua capacidade de criar personagens intensas e complexas, muitas vezes em peças de autores contemporâneos. Sandra tem um olhar inovador sobre o teatro e a performance, sendo também ativa na criação de novas formas de expressão artística. Para além disso, tem uma trajetória marcante na televisão, com participações em várias séries e novelas de grande sucesso em Portugal.

A sua abordagem artística é caracterizada pela exploração de temas profundos, como a identidade, a memória e a condição humana, com uma forte preocupação social e política.

Ricardo Pereira

Ricardo Pereira, nascido em Lisboa, vive entre Portugal, Brasil e Espanha. Estreou-se no teatro em 2000 e ganhou notoriedade em 2002 na televisão portuguesa. Desde 2004, participou em várias novelas da Globo, SIC e Record. Tem uma vasta carreira no cinema e teatro. Em 2017, foi condecorado com a Ordem de Mérito. Venceu o Globo de Ouro de Melhor Ator em 2022 e continua ativo em projetos em Portugal, Brasil e Espanha.

Sinopse

Um homem conduz sem destino, ao acaso, vira à direita , vira à esquerda até que o carro fica atolado numa estrada florestal. Sai do carro e perde-se no interior da floresta, debaixo do céu escuro e de neve. Quase morre de frio e de cansaço. Entre questões e hesitações o homem segue, perdido nos seus pensamentos, em imagens que lhe trazem memórias. Um jogo entre o passado presente e futuro, que se vive no mesmo plano, pondo em causa o que vê, o que é realidade ou espectro. No meio deste existencialismo o homem vê uma estranha brancura luminosa.

Texto **Jon Fosse**

Tradução **Liliete Martins**

Adaptação e encenação **Sandra Barata Belo**

Interpretação **Ricardo Pereira** e **Sandra Barata Belo**

Música **Um Filho da Mãe**

Assistência de encenação **Cátia Ribeiro; Carolina Ferrão**

Movimento **Claúdia Nóvoa**

Cenário **Rui Francisco**

Desenho de luz **Tasso Adamopoulus**

Figurinos **Por definir**

Adereços **Por definir**

Produção **Executiva Cassefaz**

Produção **Beladona**

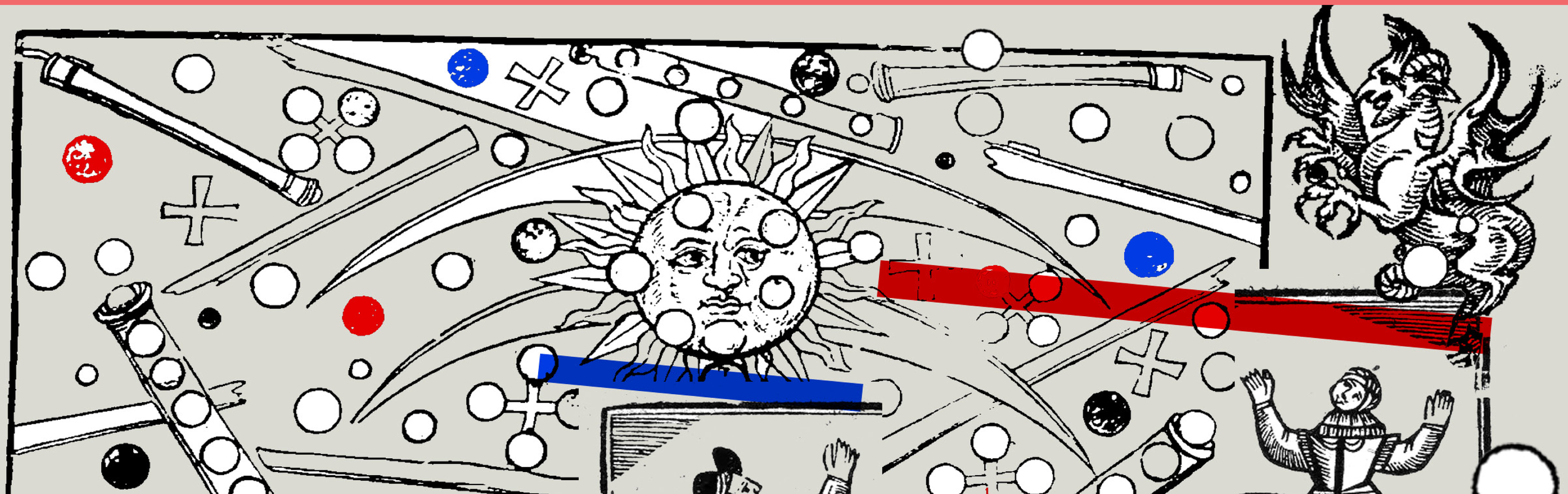
Co-produção **Cineteatro Louletano, Centro de Artes de Ovar**

TEATRO

A Feira

26.11.2025

M/6
Duração **70m**



Sinopse

Em Auto da Feira, Gil Vicente convida-nos para uma feira nunca vista, onde se misturam figuras de mundos diferentes: deuses greco-romanos, conceitos, símbolos, diabos e anjos, camponeses. Esta não é uma feira qualquer, aqui tudo se compra, vende ou troca - virtudes, truques, mulheres e favores - num espaço simbólico onde coexistem fantasia, mitologia, amores e negócios. No final, percebemos que nem tudo se pode feirar!

Integrando alunos da Escola Secundária de Paredes, A Feira estabelece uma ponte entre o palco e a sala de aula, promovendo uma verdadeira interação entre Teatro e Educação.

Antes da apresentação, a Astro Fingido desenvolve um trabalho preparatório na escola (dossier pedagógico, aulas vicentinas, ensaios); depois da apresentação, o público escolar é convidado a participar de uma conversa com o investigador, professor e ator Nuno Meireles, num momento de reflexão sobre esta herança vicentina que continua, ainda hoje, a questionar o nosso lugar no mundo.Num tempo onde cresce a desrazão, os extremismos, o fascínio pela fama e pelo dinheiro, esta Feira ajudar-nos-á a reflectir sobre os valores que preservam a nossa humanidade.

Direção Artística **Ângela Marques** e **Fernando Moreira**

Encenação **Fernando Moreira**

Texto **Gil Vicente**

Produção **Astro Fingido**

Financiamento **República Portuguesa**

Ministério da Cultura / DGArtes

Apoio **Município de Paredes**

Agradecimentos **Escola Dramática e Musical Valboense** e **Escola Secundária de Paredes**

STAND UP COMEDY

Espetáculo de stand up comedy

29.11.2025

M/6

DANÇA

Lago dos Cisnes

05.12.2025

M/6



Sinopse

Repleto de romantismo e beleza, O LAGO DOS CISNES é considerada a obra-prima mais espetacular do repertório da dança clássica. Um tema de verdadeira poética romântica, onde o bem triunfa sobre o mal.

O LAGO DOS CISNES conquistou um prestígio intemporal, motivado pela música inspirada de Piotr Tchaikovsky e pela coreografia inventiva e expressiva de Marius Petipa.
Tchaikovsky compôs esta obra-prima de forma transcendente: a Suite Op.20 perpetuou a obra do compositor. O êxito das suas composições, resulta da sua capacidade de conseguir expressar sentimentos através da linguagem musical, criando melodias intensas e emotivas.
A coreografia de Petipa, relacionando o corpo humano com os movimentos de um cisne, revela a sua genialidade e capacidade criativa.

A representação da obra O LAGO DOS CISNES, requer grande destreza e elevada técnica por parte dos bailarinos. A duplicidade de carácter presente na pureza do Cisne Branco e a intriga do Cisne Negro, requerem elevado grau de dramatismo e virtuosismo na interpretação da bailarina Principal: especialmente nos Grand Pas de Deux, interpretados no segundo e terceiro atos da obra. Outro momento de clímax é a deslumbrante Dança dos Pequenos Cisnes.
Uma produção clássica com elementos cenográficos de um realismo incrível, figurinos deslumbrantes, acessórios manufaturados com detalhes sumptuosos e um leque de melodias encantadoras que compõem esta grande obra-prima do bailado clássico.
Um elenco de artistas internacionais composto por nove nacionalidades, dão corpo e alma a esta brilhante e irresistível produção clássica. Uma experiência imperdível e memorável. Um espetáculo único que irá perdurar na memória do público.

Música **Piotr Tchaikovsky**

Libreto **Vladimir Begichev** e **Vasily Geltzer**

Coreografia **Marius Petipa** e **Lev Ivanov**

Cenografia e Figurinos **Classic Stage**

Duração **140'** (intervalo 20 Minutos)

M6

TEATRO

Dilema Capital
Astro Fingido

07.12.2025

M/6
Duração **90m**



Astro Fingido

A Astro Fingido é uma associação cultural sem fins lucrativos. Desenvolve atividade artística que vai da criação de espetáculos de teatro à formação.

As suas produções partem da realidade circundante para a construção de dramaturgias que traduzam a atualidade.

A Astro Fingido promove também oficinas de teatro e artes plásticas, bem como de Filosofia com Crianças, aliando a arte e o pensamento crítico na construção de uma cidadania plena.

Sinopse

O dilema é este: como ter sucesso, em plena sociedade de consumo, sem pecar? Como conservar qualquer sentido moral quando a lei é a do mercado e tudo tem um preço? Inspirando-se diretamente em Os Sete Pecados Mortais dos Pequeno-Burgueses, que Bertolt Brecht escreveu em 1933 para um "balé cantado" com música de Kurt Weill, a Astro Fingido criou Dilema Capital – 7 Pecados na Vida Inusitada dos Artistas. "Temos duas personagens centrais, a Ana 1 e a Ana 2, que com a sua companhia de teatro correm o país numa digressão, cujo propósito é ganhar dinheiro para comprar uma casa, ou duas." Uma produtora e uma artista. A primeira é pragmática, a segunda, idealista. Com elas, embarcamos numa viagem ao mundo do teatro, onde todos os dias os artistas são confrontados com o problema de resistir ou ceder aos pecados mortais do mercado. Uma viagem em forma de reflexão, "sem lamentos e com capacidade de autocrítica".

Texto **Pedro Fiúza**

Dramaturgia **Ângela Marques, Fernando Moreira**

Encenação **Fernando Moreira**

Música Original **Ricardo Fráguas**

Outras Músicas **Prisencolinensinainciusol, Adriano Celentano**

Apoio ao Movimento e Coreografias **Andrea Gabilondo**

Cenografia **Beatriz Prada**

Figurinos **Cláudia Ribeiro**

Desenho de Luz **Nuno Almeida**

Desenho de Som **Albrecht Loops**

Produção Executiva **Susana Oliveira**

Interpretação Ângela Marques, Inês Sincero, Jaime Castelo-Branco, Nuno J. Loureiro, Tomé Pinto

TEATRO INFANTIL

Pinóquio

Teatroesfera

13.12.2025

M/6



Teatroesfera

Um dos princípios estruturantes do Teatroesfera é a relação com a comunidade envolvente. A sua linha artística é a acumulação de vários anos de pesquisa, integrando vários encenadores, criando uma diversidade de programação e estímulos culturais. Nas peças do Teatroesfera, o trabalho do ator é reconhecido como génese da criação, complementada por imagens de qualidade e rigor numa visão cenográfica de particular mobilidade, capacidade de transformação e envolvência. A companhia teatral centra a sua criação artística no trabalho do ator, fundamentação para a programação dos espetáculos e escolha de várias linhas dramatúrgicas que sublimam a criatividade dos intérpretes. O resultado são espetáculos com uma grande dose de suspense, diversas vertentes do humor mesmo naqueles com temas incómodos, sempre intrincados por valores e direitos de igualdade e de respeito pelo ser humano com um tom de surrealismo ou non-sense poético do universo suburbano.

O trabalho desenvolvido pelo Teatroesfera é acompanhado pela DGArtes, Câmara Municipal de Sintra e pelas duas Uniões de Freguesias (Queluz e Belas, Monte Abraão e Massamá) que o reconhecem como parceiro no serviço público e o incentivam garantindo o seu apoio regular.



MÚSICA

Orquestra Barroca da Casa da Música
Coro da Casa da Música
Laurence Cummings cravo e direção musical

21.12.2025

M/6



Programa

J. S. Bach *Suite para orquestra n.º 3 em Ré maior,* BWV 1068

J. S. Bach *Singet dem Herrn ein neues Lied BWV 190* (Cantai ao Senhor um cântico novo)

Pietro Antonio Locatelli *Concerto grosso em Fá menor*, op. 1 n.º 8

Georg Philipp Telemann *Magnificat em Dó*, TVWV 9:17

Sinopse

As instituições religiosas do século XVIII faziam do Natal um momento de intensa ligação ao divino. O Magnificat é a representação musical da Anunciação à Virgem, marcando o início do Advento. Georg Philipp Teleman, proeminente compositor do Barroco tardio, escreveu o Magnificat em Dó recorrendo a um efetivo alargado, numa manifestação de alegria em época de intensa devoção e ligação comunitária. Os motetos de Johann Sebastian Bach demonstram a mestria do compositor na polifonia coral sacra da época, recorrendo a mecanismos expressivos que sublinham o sentido profundo dos seus textos. A Suite para orquestra n.º 3 em Ré maior é uma das obras mais conhecidas do compositor, sintetizando a linguagem musical da época num estilo único. A música instrumental também assinala o Natal, como evidencia o Concerto grosso em Fá menor do italiano Pietro Antonio Locatelli. A expressividade contida na obra convida-nos à introspeção, tendo o chiaroscuro barroco como pano de fundo. Um Natal ecuménico através da música.

Laurence Cummings

Laurence Cummings é um dos músicos mais versáteis na corrente da interpretação histórica em Inglaterra, como cravista e como maestro. É diretor musical da Academy of Ancient Music, do Handel Festival de Londres e da Orquestra Barroca Casa da Música. É considerado uma autoridade na música de Handel e "um dos melhores divulgadores do compositor em todo o mundo".
Aclamado frequentemente pelas suas interpretações sofisticadas e empolgantes nos teatros de ópera, tem-se apresentado um pouco por toda a Europa, dirigindo produções para a Ópera de Zurique (Belshazzar, King Arthur), o Theater an der Wien (Saul), a Ópera de Gotemburgo (Orfeu e Eurídice de Gluck, Giulio Cesare, Alcina e Idomeneo), o Théâtre du Châtelet (Saul) e a Ópera de Lyon (Messias). No Reino Unido é convidado regular da English Nacional Opera (Radamisto, L'Incoronazione di Poppea, Semele, Messias, Orfeu e Indian Queen), do Glyndebourne Festival (Saul, Giulio Cesare e Fairy Queen) e do Garsington Opera (L'Incoronazione di Dario, L'Olympiade e La Verita in Cimento de Vivaldi). Apresentou-se ainda no Linbury Theatre Covent Garden (Berenice e Alceste), na Opera North (L'Incoronazione di Poppea), no Buxton International Festival (Tamerlano e Lucio Silla de Mozart) e na Opera Glassworks (The Rake's Progress). Na temporada 2020/21 organizou a última edição do Festival Internacional Händel de Göttingen na qualidade de Diretor Artístico, cargo que ocupou durante nove anos.
É também um maestro experiente nas salas de concerto, sendo frequentemente convidado para dirigir orquestras de instrumentos de época e modernos, entre as quais a Academy of Ancient Music, a Orchestra of the Age of Enlightenment, o English Concert, a Handel and Haydn Society em Boston, a Orquestra Barroca da Croácia, La Scintilla (Zurique), a Juiliard 415, o Musikcollegium Winterthur, a St Paul Chamber Orchestra, as Orquestras de Câmara de Basileia, Moscovo e Escócia, e as Sinfónicas de Washington, Kansas, Jerusalém e da Rádio de Frankfurt. No Reino Unido dirigiu a Royal Northern Sinfonia, a Orquestra Hallé, a Sinfónica de Bournemouth, a Filarmónica Real de Liverpool, a Orquestra do Ulster e a Orquestra Real Nacional Escocesa.
A sua discografia inclui gravações com Emma Kirkby e a Royal Academy of Music (BIS), Angelika Kirschlager e a Orquestra de Câmara de Basileia (Sony BMG), Maurice Steger e o English Concert (Harmonia Mundi), e Ruby Hughes e a Orchestra of the Age of Enlightenment (Chandos), bem como um ciclo de óperas e concertos gravados no Festival Internacional Händel de Göttingen (Accent). Gravou ainda numerosos discos em recital de cravo solo e música de câmara para a Naxos.
Foi bolseiro de órgão no Christ Church em Oxford, onde se diplomou com distinção. Até 2012, foi diretor dos estudos de Performance Histórica na Royal Academy of Music, criando no curriculum a prática em orquestras barrocas e clássicas. É agora William Crotch Professor de Interpretação Histórica.

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings maestro titular

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspetiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, foi dirigida por Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreesh, Riccardo Minasi, Hervé Niquet, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys, Iestyn Davies, Rowan Pierce, Josep-Ramon Olivé, Andreas Scholl, Pieter Wispelwey, Ilya Gringolts, Fernando

Guimarães, Anna Dennis e Nuria Rial, e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.
Os concertos da Orquestra Barroca têm sido aclamados pela crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera Ottone de Händel e a estreia moderna da obra L'Ippolito de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Palau de la Musica em Barcelona, Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e Ourense), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), Alemanha (BASF em Ludwigshafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Pequim), além de várias cidades portuguesas.
Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou a Missa em Si menor, o Magnificat, as Oratórias de Páscoa, Ascensão e Natal, e várias cantatas de Bach, Te Deum e Missa Assumpta est Maria de Charpentier, Messias de Händel, Vésperas de Santo Inácio de Domenico Zipoli, Missa de Santa Cecília de Haydn e Gloria de Vivaldi. Tem tocado regularmente com o cravista de renome internacional Andreas Staier, com quem gravou o disco À Portuguesa (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado no Porto e em digressão — Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena, Auditorium de Lyon e Noites de Queluz em Sintra. Nas últimas temporadas, interpretou a integral dos Concertos Brandeburgueses, os Stabat Mater de Pergolesi, Charpentier, Vivaldi e Scarlatti, as Vésperas de Monteverdi, Ode para o Dia de Santa Cecília de Händel, Sete últimas palavras de Cristo na Cruz de Haydn, Música Aquática de Telemann, excertos de serenatas de António Leal Moreira e o Stabat Mater de José Joaquim dos Santos, entre muitas outras.
A temporada de 2025 traz colaborações com a violinista Jane Gordon, a flautista Marta Gonçalves e o cravista Mahan Esfahani, que se estreia na direção da Orquestra. A apresentação do Stabat Mater de Pergolesi conta com a voz penetrante do contratenor Iestyn Davies. Além de concertos para três cravos e dois dos célebres Concertos Brandeburgueses de Bach, a música concertante está em evidência nos regressos dos prestigiados maestros e solistas Alfredo Bernardini e Fabio Biondi. O ano termina com o Magnificat de Telemann, que junta em palco a Orquestra Barroca e o Coro Casa da Música..
A discografia da Orquestra Barroca inclui gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direção de maestros prestigiados.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito
Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música tem uma formação base de 18 cantores, que se alarga a dimensão média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido dirigido por outros nomes prestigiados no âmbito da música coral, como Martina Batič, Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood, além do seu maestro adjunto Pedro Teixeira. Em 2025 trabalha pela primeira vez com Florian Helgath e Peter Dijkstra. A interpretação de obras corais-sinfónicas levam-no a colaborar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório abrangente que se estende dos primórdios da polifonia medieval à nova música. Apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires, Daniel Moreira e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez estreias nacionais de obras contemporâneas de Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Ligeti, Distler, Kagel ou Cage. A presente temporada reforça a versatilidade do Coro, abrangendo a música antiga com Allegri, Scarlatti e João Rodrigues Esteves, uma figura importante do Barroco português, mas também obras recentes de Caroline Shaw, James MacMillan e Knut Nystedt, esta última em estreia nacional.

A música portuguesa é um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o Requiem à memória de Camões de João Domingos Bomtempo, o Te Deum de António Teixeira e o Libera me de Bomtempo. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, foi editado pela Naxos em junho de 2024.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: Vésperas de Monteverdi, Te Deum de Charpentier, Missa em Si menor, Oratória de Natal e Magnificat de Bach, Messias de Händel, Gloria de Vivaldi, As Estações, A Criação e Missa de Santa Cecília de Haydn, Requiem e Missa em Dó menor de Mozart, Gurre-Lieder de Schoenberg, Sinfonia Coral e Missa Solemnis de Beethoven, Requiem Alemão de Brahms, Requiem de Verdi, Credo de Arvo Pärt, Das klagende Lied de Mahler, Carmina Burana de Orff e Elektra de Richard Strauss. Na temporada de 2025, apresenta a Missa Glagolítica de Janáček, a Sinfonia n.º 3 "Canção da noite" de Szymanowski e o Magnificat em Dó de Telemann.

As digressões do Coro Casa da Música já o levaram ao Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e ao Auditório Nacional de Madrid, ao Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, ao Festival Handel de Londres, ao Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, ao Festival Tenso Days em Marselha, aos Concertos de Natal de Ourense e a várias salas portuguesas.

Mediação Cultural

ESPETÁCULO + OFICINA

Lobos de Pedra

Trupe Fandanga

28/29.09.2025

1º ciclo
Duração **70m**



Trupe Fandanga

A Trupe Fandanga nasceu no Porto, em 2014, sob direcção de Sandra Neves. Pretende ser um espaço de pesquisa na construção e manipulação de marionetas e objectos. Trabalha a marioneta fora do espaço convencional de representação e tem especial carinho por espectáculos intimistas e de pequena escala.

Lobos de Pedra

Os Lobos de Pedra é a viagem de um rapaz aos labirintos do seu coração. Ali, habitam lobos escuros e lobos luminosos, e todos desejam ser o maior e o mais forte do covil. Ao enfrentá-los, Pedro confronta-se consigo e descobre-se como um ser igualmente selvagem, que tanto é terrível como também é justo e leal. — Sandra Neves / Trupe Fandanga.

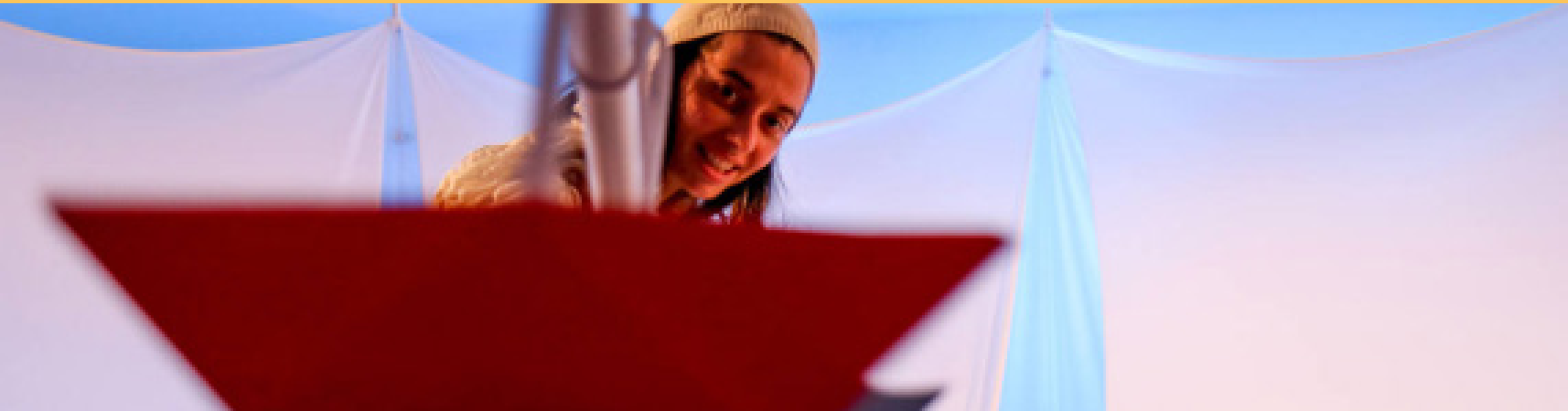
TEATRO

Conchas

Teatro e Marionetas de Mandrágora

15.10.2025

Pré Escolar
Duração **35m**



Conchas

A grande inspiração para este projeto é, indubitavelmente, o mar e todo o seu universo, uma vez que é, por excelência, o elemento comum a Portugal e Noruega. Ambos têm uma forte relação com o mar e os seus povos apresentam alguns traços temperamentais decorrentes da saudade e de ter os seus entes queridos longe no mar e em águas perigosas. Neste sentido, explorando os contextos do mar e em terra, as suas atividades, objetos, cores, formas, histórias populares, elementos da natureza, sons, movimentos, gestos e expressões corporais (animais e humanos) pretendemos criar uma performance que possa dar uma experiência artística multissensorial ao público infantil mas também aos adultos que os acompanham.

Partindo da memória coletiva de ambos os países (Portugal e Noruega), misturou-se a música, a expressão dramática e corporal, o movimento e as marionetas e encontrou-se um compromisso cultural identitário. Um espetáculo icónico onde a abordagem não verbal ganha forma através da fusão fonética das duas línguas, criando novas palavras e sons, aliada à musicalidade e à linguagem corporal.

"Conchas" conta a história de viajantes, pintados na tela, reais e imaginários, privilegiando os bebés e as suas famílias, porque este público é a semente que germina.

Teatro e Marionetas de Mandrágora

O Teatro e Marionetas de Mandrágora é uma companhia profissional de teatro de marionetas com direção artística de Clara Ribeiro e Filipa Mesquita e direção plástica de enVide neFelibata. A Companhia foi fundada a 2 de abril de 2002. Na simbiose de uma linguagem simbólica que conjuga o património e o legado tradicional com o pensamento e a dinâmica da sociedade contemporânea, num diálogo nem sempre pacífico surge um elemento fundamental, a marioneta. Este elemento apoia-nos na procura de uma identidade cultural própria.

"Conchas" é uma coprodução internacional para bebés, resultante do projeto "Hands full of Shells and Feet full of Flowers", um processo criativo colaborativo desenvolvido entre d'Orfeu AC, Teatro e Marionetas de Mandrágora e Franzisca Aarflot produksjoner (Noruega).

Este projeto foi desenvolvido no âmbito do Programa "Pegada Cultural — Primeiros Passos" lançado e gerido pela Direção-Geral das Artes sendo cofinanciado pelos Estados da Islândia, Liechtenstein e Noruega, através do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu "EEA Grants".

TEATRO / CONFERÊNCIA

O Papel do Dinheiro
Mala Voadora

22.10.2025

2º e 3º ciclo (M/6)
Duração **70m**



Mala Voadora

A mala voadora gosta de imagens, gosta de objetos que veiculam imagens, de coleções desses objetos, e dos processos de classificação que, mais objetivos ou mais sentimentais, são usados para ordenar coleções. Também gostamos de deslocar para o teatro esse tipo de material (que o jargão da arte contemporânea inscreve no âmbito do “arquivo”) por ele ser tão ficcional – pelas imagens que contém e pela história das próprias coleções – e, ao mesmo tempo, estranho à tradição do teatro.

As imagens são bidimensionais e costumam ter um modo de existir que é permanente; estão ali, paradas. O teatro não. E o teatro pode transformar-se para que sejam essas imagens colecionáveis os seus protagonistas. Foi isso que fizemos em 2005, em philatélie, com uma coleção de selos, e foi isso que voltámos a fazer agora com notas. Elas são manuseadas sobre uma mesa, analisadas, combinadas e mostradas em tempo real, ampliadas para grande formato, desta vez cheias de brilho, num écran led.

O papel do dinheiro é uma pequena história do mundo em pequenos pedaços de papel.

A mala voadora é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal – Ministério da Cultura/Direção-Geral das Artes

O Papel do Dinheiro

Espetáculo privilegiadamente destinado a público infantil, o papel do dinheiro é uma história contada com notas. Uma criança acompanha o tio numa volta ao mundo a fazer negócios. Os pequenos pedaços de papel mostram muitos lugares, hábitos, personagens; e mostram também o que pode correr mal se se perder de vista qual é o papel do dinheiro.
Como explica Miguel Rocha, autor do texto, “esta viajem começa numa nota de 20 escudos, um Santo António verde e muito macio, numa história da infância do narrador em que a nota é literalmente dissecada nos seus constituintes. Partimos à boleia duma caravela de 500 escudos. Chegamos à China, onde vamos conhecer Kublai Khan e a origem do papel voador. Daqui partimos montados num dragão, seguimos num périplo que irá dos desertos gelados aos mares do sul. Visitaremos palácios, florestas, pinguins e, não poderia deixar de ser, a Rainha de Inglaterra.

Cada nota oferecendo nos seus detalhes pistas para novas viagens, outras histórias e insólitas descobertas. Com as notas de banco a perder visibilidade a cada dia que passa, que tal fazer algo divertido com elas?”

OFICINA PARA ESCOLAS OU FAMÍLIAS

É Bom Mandar?

Formiga Atómica —
Catarina Requeijo e Inês Barahona

02/03.11.2025

1º e 2º Ciclo
M/8
Duração **70m**



Catarina Requeijo

Encenadora e dramaturga, destaca-se pelo seu trabalho no teatro para a infância e juventude. Colabora com várias companhias, explorando narrativas sensíveis e impactantes.

Desenvolve projetos interdisciplinares que aliam teatro, educação e cidadania. A sua abordagem cénica valoriza a simplicidade e a proximidade com o público, promovendo experiências imersivas.

Inês Barahona

Dramaturga e escritora, cofundadora da Formiga Atómica, cria textos teatrais que cruzam filosofia e arte, desafiando perspetivas e promovendo o pensamento crítico no público jovem.

É bom mandar?

Esta oficina é um convite para nos sentarmos à mesa, conversar, discutir, conspirar e comer. Não falta uma ementa com pratos deliciosos e politicamente apetitosos, através dos quais experimentamos formas de governo e personagens directamente saídas de todo o mundo e de todos os tempos, como aquela que se desloca vagarosamente nas malhas do sistema, a tartaruga Burocracia.

Em conjunto, tentaremos encontrar respostas para uma série de perguntas: será que o rei manda sempre? Será que todos sabemos mandar? E quem decide? E como se decide? E quem decide como se decide? O que é a política? O que é uma assembleia? A família é um governo ou um desgoverno? Quem manda lá em casa? É fácil ser justo? Quem inventa leis? E elas servem para quê?

Decidindo cada passo do nosso percurso em conjunto, em assembleias instantâneas e rápidas, iremos ouvir histórias, experimentar o teatro da política e trocar muitas vezes os papéis de governantes e governados. Vamos a votos?

LEITURA ENCENADA

Os Lusíadas como Nunca os Ouviu
António Fonseca

13.11.2025

3º Ciclo e Ensino Secundário
Duração **70m**



Os Lusíadas como Nunca os Ouviu

António Fonseca embarca, em Os Lusíadas como nunca os ouviu, na falação integral da obra de Luís de Camões, verso a verso, estrofe a estrofe, canto a canto, explicitando as reverberações que o texto e o pensamento do autor renascentista provocam no aqui e agora, no momento do dia, no momento do ontem e do anteontem, no tempo da liberdade, do fascismo e da república e da monarquia...

Uma viagem pelo mar e pela nossa memória individual e coletiva, com algumas provocações e propostas de revisitações, sempre inspiradas n'Os Lusíadas.

Em 2022, durante 14 horas, o ator recorreu à sua memória para nos guiar pela epopeia camoniana, culminando à meia-noite de 27 de março, Dia Mundial do Teatro. Nesse mesmo ano, o espetáculo teve apresentações em Montemor-o-Novo, Sever do Vouga, Mértola e Vila Real, no âmbito do projeto Próxima Cena, do D. Maria II.

Em 2025, ano da celebração dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões, António Fonseca estará de regresso à programação do D. Maria II para nova incursão neste "espetáculo duracional". Mas, uma vez mais, não estará sozinho nesta epopeia, já que, à semelhança do que aconteceu em 2022, o canto X será partilhado com jovens atores e estudantes da Escola Superior de Teatro e Cinema e da ACT- Escola de Actores.

António Fonseca

Ator e encenador com percurso no Teatro da Cornucópia, cinema e televisão. Trabalhou com Manoel de Oliveira, Teresa Villaverde e Fernando Vendrell. Ligado à Companhia de Teatro de Braga, desenvolveu projetos como "Olho na Rua". Licenciado em Filosofia, leciona Teatro e Educação na ESEC e colaborou com instituições como a FLUL, ESTC, Universidade de Évora e ESE Porto, explorando as relações entre Teatro e Educação.

Lata 65
Mistaker Maker

A Definir

Escola da Rebordosa
Duração **70m**



Lata 65

LATA 65 é uma iniciativa para idosos no âmbito da arte urbana, na sua génese desenvolvida pelo WOOL | Covilhã Arte Urbana em parceria com o CoworkLisboa.

Surgiu em 2012, da espontânea constatação, a cada nova intervenção realizada pelo WOOL, da simplicidade e naturalidade com que a Arte Urbana atingia as mais variadas faixas etárias, particularmente os 'habitantes' mais idosos das nossas áreas de actuação. Especialmente na Covilhã, foram estes 'habitantes' que se transformaram nos nossos companheiros e espectadores de todas as horas. Diariamente assistimos a romarias diurnas e nocturnas, de idosos que saiam de casa, não para ir à habitual missa ou jogo de cartas, mas para seguir todos os detalhes das pinturas. Ouvimos (pela Covilhã e em outras localizações) mil histórias sobre o que poderia estar a surgir nas paredes e comoveu-nos ouvir coisas como 'a minha cidade recuperou a sua cor'.

O LATA 65 | workshop de Arte Urbana para idosos, surgiu como um desafio, de levar este interesse demonstrado pela Arte Urbana mais além, com vontades objectivas de:

/ aproximar os menos jovens a uma forma de expressão habitualmente associada aos mais novos;

/ provar que conceitos como ENVELHECIMENTO ACTIVO e solidariedade entre gerações fazem a cada dia mais sentido;

/ demonstrar que a arte urbana tem o poder de fomentar, promover e valorizar a DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À ARTE contemporânea, pela simplicidade e naturalidade com que atinge as mais variadas faixas etárias;

/ demonstrar que a idade é (apenas) um número.

Após o primeiro workshop e todas as demais acções realizadas, confirmámos e reiteramos que:

/ é possível e DESEJÁVEL DESPERTAR, MOTIVAR E ENTUSIASMAR os mais idosos através da Arte Urbana;

/ é desejável apresentar a estas gerações, NOVAS ACTIVIDADES, NOVAS TÉCNICAS, ditas dos mais jovens, como forma de escape e quebra de rotinas, GERANDO QUALIDADE, JOVIALIDADE E BEM ESTAR nas suas vidas.

LATA 65 apresenta-se como um workshop ministrado em ambientes de trabalho totalmente descontraídos, ideais para a aprendizagem das mais variadas técnicas de intervenção nas ruas, em trabalho directo com alguns dos melhores artistas urbanos da actualidade.

Jogos do Helder
Mistaker Maker

A Definir

Duração **70m**



Jogos do Helder

Dirigidos a todos os públicos com o objetivo de criar pontes intergeracionais e culturais, os Jogos do Helder caracterizam-se por desafios lúdicos a partir de materiais simples, como a madeira ou a corda, recorrendo apenas à energia mais acessível do mundo: a humana.

Estas atividades familiares pretendem criar um sentimento de identidade, conduzindo ao fortalecimento de laços e a momentos de partilha e de energia positiva.

Workshop Rádiofónico
Agrupamento BALTAR

A Definir

Duração **70m**



OFICINA

Mais Alto!
Oficina de Escrita de Canções de Protesto

A Definir

M/6
Duração **70m**



Mais Alto!

Esta oficina é uma abordagem muito prática à escrita de canções.

Partindo de uma enorme curiosidade acerca das ânsias, preocupações, desejos, gostos musicais e modos de expressão dos públicos aos quais se dirige o Mais Alto!, concerto comentado de versões de canções de protesto, decidimos orientar oficinas de escrita para crianças e adolescentes.

Seja com alunos de uma mesma turma ou associação ou pessoas — maioritariamente com crianças e jovens, mas não só — que se tenham juntado para a nossa oficina, propomo-nos a escrever pelo menos uma canção com cada pequeno grupo, em que letra e música são o resultado original deste processo de criação coletiva.

Sendo as canções que surgem sempre motivo de celebração, para além do produto final interessa-nos ouvir os alunos acerca das suas preocupações e conquistas, conversar sobre o que é uma canção e, especificamente, uma canção de protesto ou de intervenção, e criar, em conjunto, um espaço onde toda a gente se possa expressar de forma livre.

É certo que neste processo aprendemos tanto ou mais do que quem participa nas oficinas.

Pode a música mudar o mundo?
Uma canção de protesto cada vez, acreditamos que, no mínimo, pode ajudar.

CENTRO
CULTURAL
PAREDES

obrigado.

Av. dos Bombeiros Voluntários
4580-053 Paredes

+351 255 006 460
centroculturalparedes.pt
bilheteira@ccparedes.pt